

GERONTOCRACIA BÍBLICA

Luzair A. Lenz

Na sociedade moderna, o ser humano vale por aquilo que produz e pelo que consome. A técnica é a substituta da experiência adquirida pelos anos de vida. O idoso é colocado à margem da sociedade e, quase sempre, marginalizado, tido como ultrapassado, sem valia, um verdadeiro estorvo.

Será que sempre foi assim? Tentando responder essa pergunta, o presente artigo busca nas Sagradas Escrituras respostas que possam ajudar a vislumbrar outra ótica acerca dessa faixa etária. Assim, procurar-se-á, tendo como referencial, em primeiro plano as Sagradas Escrituras, que são o maior legado histórico da cultura judaico-cristã e como leitura auxiliar comentários de críticos especialistas no assunto, responder pela participação das pessoas idosas na comunidade judaica e na posterior formada comunidade cristã.

1. Idosos no Antigo Testamento

Não existe nenhuma dúvida de que o idoso desempenhou um papel de grande importância dentro do judaísmo. O Antigo Testamento é o maior legado desta cultura. Nele se encontra a história da formação deste povo, bem como seus costumes e tradições. Quando se fala do idoso no Antigo Testamento, deve-se levar em consideração que muitos aspectos relevantes do judaísmo são repetidos na pesquisa, visto ser quase impossível separar os pensamentos da sabedoria e tradição judaica geral da cultura e tradição refletida no Antigo Testamento, herdado pelo cristianismo e incorporado nas Sagradas Escrituras.

Israel organizava-se com base na tenda, na família, no clã e na tribo; cada grupo era governado por um ancião com autoridade de tipo paternalista. Entretanto, no curso do seu estabelecimento e, sobretudo, depois da monarquia, a organização da família-clã-tribo começou a perder o sentido de solidariedade. Isso se deu quando os grupos se espalharam pelas cidades e aldeias. Quando começou a dissolução da organização por famílias, clãs e tribos, é provável que o corpo de anciãos tenha sido conservado por cooptação em cada comunidade.

A propriedade da terra era, provavelmente, um fator decisivo para a obtenção e a conservação da qualificação de membro do corpo de anciãos. Contudo, não há idade exata para ser considerado um ancião. Na nomenclatura e morfologia da língua hebraica, a palavra para velhice tem outra interpretação. Ela pode ser sinônimo para pessoas que adquiriram precocemente a sabedoria, ou seja, para um homem mais jovem, contanto que esteja no nível sapiencial dos judeus mais velhos.

No Deuteronômio e nos livros históricos mais tardios, os anciãos não têm outra função além da jurídica. Era responsabilidade deles governar e cuidar para que a Lei fosse cumprida (Js 20; Jz 8,16; Rt 4,2).

Na monarquia primitiva, os anciãos eram chefes das tribos, dos clãs, das famílias: eles formavam o conselho do rei e, como representantes do povo, constituíam um limite ao poder absoluto do monarca, um limite que não encontra paralelos exatos nos outros Estados civilizados do antigo Oriente Médio. O poder e as funções dos anciãos não eram fixados pela lei, mas sim pelo costume. Sua influência era maior ou menor de acordo com as circunstâncias e com o caráter pessoal, tanto do rei como dos próprios anciãos. Após o exílio, sua autoridade foi muito significativa, como se observará em textos que serão examinados na seqüência deste estudo.

1.1. Idosos no Antigo Testamento

Na língua original do Antigo Testamento, o hebraico, o termo que designa idoso é *zaqen*. Trata-se de um verbo de estado, no *qal*, que denota a condição posterior à de ser jovem (Sl 37,25). A palavra descreve tanto homens quanto mulheres. Durante este período de vida as expectativas de casamento (Rt 1,12) e geração de filhos cessam (Gn 18,12.13; 2Rs 4,14). Aparecem os cabelos brancos (1Sm 12,2). A vista (Gn 21,1), o metabolismo e a mobilidade (1Rs 1,1.15) começam a falhar, e as quedas passam a ser uma ameaça (1Sm 4,18). A morte passa a ser uma possibilidade iminente (Gn 19,31; 24,1; 27,1,2; Jr 23,1.2). A liderança deve ser passada adiante (Js 13,1; 1Sm 8,1.5; 1Cr 23,1). Apesar disso, a pessoa em tal condição deve ser respeitada (Lv 19,32) e jamais desprezada (Pr 23,22).

A idade de 60 anos parece separar os maduros dos velhos (Lv 27,1-8), embora os levitas se aposentassem aos 50 anos (Nm 4,3.23.30). O salmista sugere 70 anos como duração normal de uma vida e 80 anos como um marco incomum (Sl 90,10). No período dos reis um homem de 80 anos era considerado uma pessoa de idade muito avançada (2Sm 19,32 [33]), porém digna de respeito.

A sociedade hebraica (judaica) normal não tinha só meninos e meninas brincando nas ruas, mas também velhos e velhas apoiados em seus bordões (Zc 8,4). Jovens e velhos constituem o todo da sociedade (Ex 10,9; Js 6,21; 2Cr 36,17). Assim, o Antigo Testamento trás referências sobre a relação entre as faixas etárias. O ancião deve ser honrado (Lv 19,32; Lm 5,12). Os jovens devem esperar até que os velhos tenham falado (Jó 52,4). Seu valor como conselheiros (Ez 7,26) é reconhecido no relato da rejeição de seus conselhos por Roboão em favor do conselho dos mais jovens (1Rs 12,6-11). Pela palavra do conselho dos anciãos salvou-se a vida de Jeremias (Jr 26,17).

Os anciãos aparecem no Antigo Testamento como uma classe social distinta ou como um colegiado com funções políticas ou religiosas específicas. O termo “ancião” aparece em todos os livros do Pentateuco e em quase todos os livros históricos do Antigo Testamento, visto a exceção ser o livro de Neemias. Muitas vezes, fala-se sim-

plesmente de “anciãos”, mas a qualificação mais comum é a de “ancião de Israel”. Também são chamados de anciãos da cidade, do país, do povo, da casa de Israel, da congregação, das tribos, de Judá e Jerusalém, da filha de Sião, do cativo, dos sacerdotes, dos hebreus, da casa de Davi.

Dentro das suas funções políticas e religiosas específicas, são os anciãos os representantes de todo o povo. É por isso que Moisés reúne os anciãos e fala ao povo (Ex 3,16; 4,29). Em outros lugares do Pentateuco, parece que os anciãos falam e agem em nome do povo (Ex 17,5). Eles receberam o Espírito na tenda da congregação (Nm 11,16.24,25). Os anciãos estavam lado a lado com os dois juízes perante a arca na cerimônia da leitura da Lei (Js 8,33; 23,2; 24,1). São os anciãos de Israel que pedem a Samuel que nomeie um rei (1Sm 8,4); Davi mantém conversações com os anciãos de Judá com o objetivo de obter o favor das tribos (1Sm 30,26). Mesmo depois do estabelecimento da monarquia, a escolha de um rei repousava sobre os ombros dos anciãos de Israel, de modo que Davi fez uma aliança com eles antes que o ungissem em Hebron (2Sm 5,3). Absalão obteve o favor dos anciãos (2Sm 17,4,15) e Davi só retornou ao poder (que havia perdido) depois de obter permissão dos “anciãos de Judá” (2Sm 19,11-12). Josias os convocou para a leitura do recém descoberto Livro da Lei (2Rs 23,1).

Os anciãos aparecem do lado do chefe ou então como seus companheiros no exercício de sua autoridade (Ex 3,18; Dt 27,1). Por vezes, os anciãos aparecem como um corpo que tem o poder de governar, como, por exemplo, os anciãos dos gabaonitas (Js 9,11), de Sucot (Jz 8,5), de Galaad, que deram autoridade a Jefté (Jz 11,5). Tal instituição (do poder judiciário) é conhecida em Mari e em Babilônia, do período de Hamurabi em diante. Anciãos assentados à porta da cidade resolviam questões como dúvidas quanto à virgindade (Dt 22,15), ratificavam acordos sobre propriedades (Rt 4,9.11) e julgavam casos de homicídio (Dt 19,12; 21,1; Js 20,4).

Todos os fatos acima citados apontam para uma visão muito positiva da vida dos idosos nos tempos do Antigo Testamento. Porém, uma aproximação mais crítica aos textos do Primeiro Testamento, aponta para alguns fatos que levam a acreditar que a vida dos idosos não era tão simples assim.

Mesmo o idoso sendo referencial para os mais jovens e a sociedade sendo patriarcal, os conflitos entre as gerações estavam presentes neste contexto. Textos clássicos que referendam esta afirmação são os da briga entre os filhos de Davi contra o seu próprio pai, pela sucessão do trono (2Sm 15; 1Rs 2). Na disputa da bênção paternal do “velho Isaac” já cego, está a intriga armada por Rebeca e Jacó, que contraria todas as leis de sucessão e herança (Gn 27).

O Antigo Testamento aponta para uma perspectiva onde o temor em se tornar idoso era uma conseqüência daquilo que era vivido e sentido na vida diária. Atestam tal afirmação textos tais como Eclesiastes 12,1-8 que, na forma de conselho aos jovens, faz uma leitura antropológica bastante pessimista da vida do ser humano idoso, e

também o Salmo 71 que, na forma de uma oração, deixa transparecer os sentimentos que os idosos tinham acerca da sua vida.

É importante frisar que os anciãos continuaram a ser influentes mesmo durante o exílio (Jr 29,1; Ez 8,1; 14,1; 20,1) e na comunidade pós-exílica (Esd 10,8.14). O papel dos anciãos continuou de formas modificadas na sinagoga e na Igreja.

2. Idosos no tempo das primeiras comunidades cristãs

Como visto acima, tanto no judaísmo, como na Antigüidade em geral, havia, até certo ponto, um respeito para com os idosos, porque tinham sabedoria e entendimento. Não há nada de surpreendente no fato de que os mais idosos tenham tido um papel de liderança desde os mais remotos tempos, visto a sua experiência de vida e seus conhecimentos adquiridos com o passar dos anos.

Na ordem da sociedade do mundo do Novo Testamento, os mais velhos recebiam respeito e autoridade, em razão da sua experiência. Este significado de maior respeito é usualmente combinado com a idade avançada, mas indica em primeiro lugar, os direitos de dignidade do mais idoso. Não há nenhuma nota de detração, no sentido de débil, fraco ou antiquado.

A função dos anciãos, no contexto do NT, estava intrinsecamente ligada com a situação histórica dada na época de Jesus. Assim sendo, os anciãos são apresentados como integrando os representantes da aristocracia sacerdotal (os anciãos estavam associados aos principais sacerdotes (Mt 21,23) e aos escribas (Mt 16,21) no Sinédrio de Jerusalém), tendo, porém, influência menor do que os outros grupos, tanto que os evangelistas usualmente os mencionam no final da lista hierárquica.

Quanto à participação dos anciãos na liderança local, parece que esta tenha se desenvolvido, por analogia, com os ofícios administrativos das associações greco-romanas e com as organizações sinagogais judaicas, e era dependente da comunidade.

No tocante aos anciãos ou pastores das Igrejas cristãs, os títulos “ancião”, “bispo ou supervisor” e “pastor” são intercambiáveis (At 20,28; Tt 1,5-7). A importância dos anciãos cristãos aumentou, quando a Igreja se dispersou e, com o passar do tempo, alguns anciãos passaram a receber o título de “bispos ou supervisores”, isto porque exerciam autoridade sobre determinadas áreas e não apenas em comunidades locais. Assim, os títulos “bispo”, “ancião” e “pastor” são sinônimos; eram títulos que ressaltavam três aspectos diferentes de uma mesma função.

Os anciãos são apresentados pelo NT presidindo sobre a comunidade. Estes recebiam salários regulares por seus préstimos. Essa sua função de “governo” foi colocada a serviço do episcopado monárquico (bispos), que mais tarde veio a surgir com o gradativo processo de institucionalização da Igreja. Neste modelo, o bispo representa Deus, os presbíteros eram apóstolos, e os diáconos o próprio Cristo. A autoridade não deriva de uma conexão histórico-sociológica com os apóstolos, mas de uma relação

arquetípica entre o Deus uno nos céus e o representante de Deus na terra. O bispo preside “no lugar de Deus”, ao passo que os presbíteros tomam o lugar dos apóstolos. Assim como Jesus nada fez sem o Pai, assim também os membros da comunidade nada deveriam fazer sem o bispo.

2.1. Perspectivas sobre os idosos no Novo Testamento

A raiz grega para a designação de “idoso” e do seu verbo correspondente vem ligada com o termo “presbítero”, podendo apresentar uma gama de significados, a exemplo de: “ser mais velho”, “ser um embaixador”, “reger”, “mais velho”, “ancião”, “presbítero”, “conselho de anciãos”, “ofício de anciãos ou presbíteros”, “homem de idade”, “velho”, entre outros. É provável que esse grupo de palavras significasse inicialmente “mais velho” em comparação com os outros; depois, de maior importância e, por extensão, mais honrado.

Os anciãos formavam, como citado acima, parte integrante do Sinédrio em Jerusalém (At 22,5) e é nessa função que são citados seguidamente dentro dos evangelhos (Mt 16,21; 21,23; Lc 9,22, etc.). Textos como Mt 15,2 e Mc 7,3,5, que se referem à “tradição dos anciãos”, usam uma expressão comum às tradições rabínicas reunidas no Talmud, sendo que, nesses casos, os anciãos não são os membros do Sinédrio, mas os rabinos das gerações anteriores que cunharam a tradição normativa dos judeus.

Observando o mundo do jovem cristianismo, notar-se-á muito respeito pelos presbíteros (anciãos) e por isso, se confiou a estes o sagrado serviço de guardar e contar às novas gerações as memórias de Jesus. Este fato pode ser comprovado através dos documentos que relatam a vida das comunidades primitivas (Pápias, Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Barnabé, Irineu, Policarpo, Pastor de Hermas). Nestes documentos, a importância dos presbíteros é destacada na defesa da autoridade da Igreja contra a insolência de jovens que os acusam de serem de pouca cultura. Em um dos documentos Irineu escreve: “Os que abandonam a pregação da Igreja acusam de ignorância os santos presbíteros, mas não percebem que muito mais vale ser homem simples, mas religioso, do que filósofo sutil, mas blasfemador e atrevido” (Hr 5.2, 20).

Entre os fariseus, as opiniões dos anciãos sobre a Lei gozavam da mesma autoridade que a própria Lei. Jesus recusou uma anuência servil a essas tradições. Como representantes do Sinédrio, são justamente os anciãos que aparecem em Atos 4 e 6, em ação contra os seguidores de Jesus. Em Atos 11,30 encontra-se o primeiro caso de uso do termo “anciãos” como função dentro da comunidade cristã emergente. Trata-se do texto onde a contribuição das igrejas gregas à comunidade de Jerusalém é enviada aos anciãos por meio de Barnabé e Paulo. Em Atos 15,2.4.6.22, no contexto das deliberações do Concílio de Jerusalém, os anciãos da comunidade de Jerusalém são mencionados juntamente com os apóstolos, sendo a eles associados em termos de autoridade.

O reconhecimento de anciãos por uma assembleia local podia ser algo bem informal. Geralmente sucedia que os cristãos reconheciam instintivamente quem eram

seus anciãos, porque eles mesmos estavam familiarizados com os requisitos dos anciãos: “irrepreensível, esposo de uma só mulher, sóbrio, cheio de bom senso, simples no vestir, hospitaleiro, competente no ensino, nem dado ao vinho, nem briguento, mas indulgente, pacífico e desinteressado” (1Tm 3,2).

Quando Paulo fez as suas viagens missionárias, foi para os anciãos da igreja de Jerusalém (juntamente com Tiago), que ele enviou seu relatório sobre a obra missionária entre os gentios (At 21,18). Também no discurso de despedida do apóstolo à igreja de Éfeso, foi para os anciãos que dirigiu especificamente suas palavras (At 20,17). Neste discurso Paulo faz as suas últimas recomendações aos mesmos, apelando para qualidades como: vigilância, desinteresse e caridade. Diante deste discurso, pode-se afirmar que a posição dos anciãos na igreja de Jerusalém, não parece substancialmente diferente da posição dos anciãos no judaísmo e no Israel primitivo.

É interessante notar que nas Epístolas Paulinas não se fala diretamente de anciãos. O primeiro testemunho fidedigno a seu respeito, à parte do discurso dirigido aos mesmos em At 20,17, vem da época sub-apostólica (Tg 5,14, 1Pd 5,1-2; 2Jo 1). Contudo, de acordo com At 14,23, Paulo e Barnabé, estabeleceram presbíteros nas comunidades em todas as suas viagens pela Ásia Menor.

No que tange às funções dos anciãos, estas aparecem claramente estabelecidas nas epístolas pastorais (1Tm 5,17-23; Tt 1,5s (7-9)). Estes eram ordenados por imposição de mãos (1Tm 5,22) e, bem possivelmente, formavam um colegiado com poder para ordenar, supervisionar o trabalho nas comunidades, pregar e ensinar (1Tm 5,17). A estes, quando participavam integralmente da vida da comunidade, era dada uma remuneração diferenciada (1Tm 5,17). Além disso, estavam também protegidos de acusações e calúnias pelo princípio do procedimento jurídico judaico, que diz que uma queixa só deve ser aceita sob o testemunho de duas ou três pessoas (1Tm 5,19 ; cf. Dt 17,6; 19,15).

Havia nas comunidades algumas disputas entre anciãos e jovens. Em 1Tm 5,1, a oposição entre os dois grupos refere-se provavelmente a uma distinção de idade, não de funções. Em 1Tm 5,1, Paulo pede para que não se trate os idosos com rudeza, mas sim que se deve exortá-los como a pais. Também 1Pd 5,3-5 apresenta, a seu modo, uma referência a tensões entre presbíteros e pessoas mais jovens sob a sua presidência comunitária. Aliás, não era só em relação aos *homens* idosos que se pedia consideração. Também as *anciãs* deveriam ser tratadas como se tratam as mães: com dignidade, amor e respeito (1Tm 5,1s). Assim, há certos indícios de que a liderança das comunidades consistia de presbíteros varões e mulheres, embora textos como 1Tm 2,12s e 1Cor 14,33-38 apresentem-se discriminatórios em relação a uma participação de mulheres em cargos de ensino e liderança. Segundo Tt 2,3-5, dentro de uma perspectiva excludente, a função de ensino às mulheres idosas limitava-se a “ser mestras do bem, a fim de instruírem as jovens recém casadas a amarem o marido e a seus filhos, a serem sensatas, honestas...”.

Segundo o testemunho de Tt 1,5, Tito é orientado no sentido de nomear anciãos em cada cidade. Neste caso, porém, parece que os anciãos devem ser identificados exclusivamente com bispos, cujas qualificações e funções são descritas em Tt 1,6-9. Outras funções dos anciãos transparecem em textos como Tg 5,14s e 1Pd 5,1-5. No primeiro deles, os anciãos da Igreja oram pelos doentes e suas preces têm poder de curá-los. Já em 1Pd 5,1-5 se exorta aos presbíteros a, como pastores, cuidarem do rebanho que lhes foi confiado.

Conclusão

Não é difícil concluir que pessoas idosas gozavam de grande destaque na Antigüidade. Porém, tal fato é fruto de reflexos, no aspecto social e sociológico, do pensamento de uma sociedade marcada pelo patriarcalismo, onde naturalmente a experiência de vida era contada como referencial aos demais da sociedade.

Há alguns indícios que apontam para a importância das mulheres neste contexto patriarcalista. Além dos exemplos já citados acima, pode-se apontar para a função de ensino, na qual pai e mãe podem deter a mesma importância, como sugerem textos a exemplo de Pr 1,8s; 6,20 e 2Tm 3,14s., dando-se a diferença unicamente no aspecto público da autoridade. Assim sendo, mesmo detendo importância na educação familiar, não as mulheres, mas preponderantemente os homens são encontrados no papel de chefia das comunidades, o que é compreensível a partir do horizonte patriarcal da sociedade da época (Ex 18,21s).

Os anciãos são os que guiam o povo do Antigo Testamento nos eventos mais importantes da sua história (Js 8,10). São eles os responsáveis e os comprometidos com a aliança com Deus e com todo o povo (Ex 19,7s, Nm 11,14-17). É a partir dos anciãos, que foram pessoas de destaque no período pós-exílico (Esd 5,5), que se deu a reorganização da sociedade de Israel.

Nos tempos de Jesus, os anciãos eram a autoridade natural, constituída pelos notáveis de cada localidade (Lc 7,3). Eles, junto com os escribas e sacerdotes, também compunham o Sinédrio (Lc 22,66).

No seio das primeiras comunidades cristãs, os anciãos eram os líderes das Igrejas domésticas, que se reuniam em lares particulares. Porém, com o passar do tempo, foram adquirindo o status que era desfrutado pelos anciãos das sinagogas judaicas.

Os anciãos eram ordenados por imposição de mãos, e, assim, passavam a ocupar a liderança dentro das comunidades (At 6,6). Passaram a ser chamados de presbíteros. Através de sua função de supervisores, tornaram-se os “*episcopos*” ou “*bispos*”, o que veio a lhes conferir um status superior ao usual de presbíteros na história posterior da Igreja.

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1985.
- A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Trad. em português por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BROWN, C. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1981, vol. I, p. 300-313 (verbetes “Bispo, presbítero, ancião”).
- CHAMPLIN, R. N. & BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia*. São Paulo: Candeia, 1991.
- FIORENZA, E. S. *As Origens Cristãs a Partir da Mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- HARRIS, Laird R. (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1989 (Verbetes “zaqen”).
- HOORNAERT, E. *A Memória do Povo Cristão*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- KELLY, J. N. D. *I e II Timóteo e Tito: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- MACDONALD, William. *Comentario al Nuevo Testamento*. Barcelona: CLIE, 1995.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975.

Luzair A. Lenz
Av. Senador Lúcio Bittencourt, 804 – Centro
93214-170 – Sapucaia do Sul – RS
Tel.: 51-4749173
e-mail: rioazul30@zipmail.com.br